



AJ15825

# No mangue, a esperança de uma vida melhor

Tião Barbosa

Fotos de Joecir Secreta

O local era um mangue. Sem alternativas, algumas pessoas resolveram fazer dele um bairro, todas sem recursos, sem moradia e muitas sem emprego. Em meio a ameaças de expulsão e promessas de políticos, conseguiram da ex-primeira-dama da Serra, Maria da Penha Feu Rosa, um documento de posse, em julho último.

Tranquilos, os moradores batizaram o mangue de Sosse-

guinho, devido à proximidade com o bairro Sossego. Então, começaram a aterr-lo, em latas de 20 litros ou carrinhos de mão. O sonho da "casa" própria começou a se tornar pesadelo nas vésperas da eleição, quando surgiu o boato de que a Escelsa construiria duas torres de alta tensão e desapropriaria parte dos barracos.

Até 15 de novembro, contudo, tudo foi definido como mentira. Uma semana depois, iniciaram-se as obras: dois barracos foram

imediatamente indenizados, onde ficaria o bate-estacas de uma das torres. Lindomar Suzano, um dos desapropriados, pediu Cr\$ 200 mil, mas só recebeu Cr\$ 120 mil.

Numa segunda-feira, dia 6 último, os moradores se agruparam e impediram a continuidade do aterro, recorrendo logo a seguir aos advogados da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória. Dias depois, foi marcada uma reunião com o diretor de Engenharia e Planejamento da Escelsa, Filemon Tavares.

Sob um tom áspero, Filemon taxativo: "A área nos pertence. Pagamos por ela e temos um decreto presidencial de desapropriação. Se persistir o impasse — impedimento do aterro — chamarei a Polícia e acionarei a Justiça".

O documento de "posse" assinado por Maria da Penha Feu Rosa ficou descaracterizado, ou melhor, definido como uma espécie de título de eleitor. Outros dois barracos foram indenizados, um deles de uma líder do mo-

vimento. Então, os moradores se deram por vencidos.

Hoje, além do medo dos fios de alta tensão, têm apenas promessas da Escelsa: todos os barracos danificados pelo bate-estacas serão refeitos e as famílias que terão de abandonar o local 27, todas incluídas na "zona de perigo" — serão indenizadas antes da energização dos fios, prevista para fins de maio.

Além das promessas, os moradores de Sosseguinho têm apenas a certeza de que o sonho

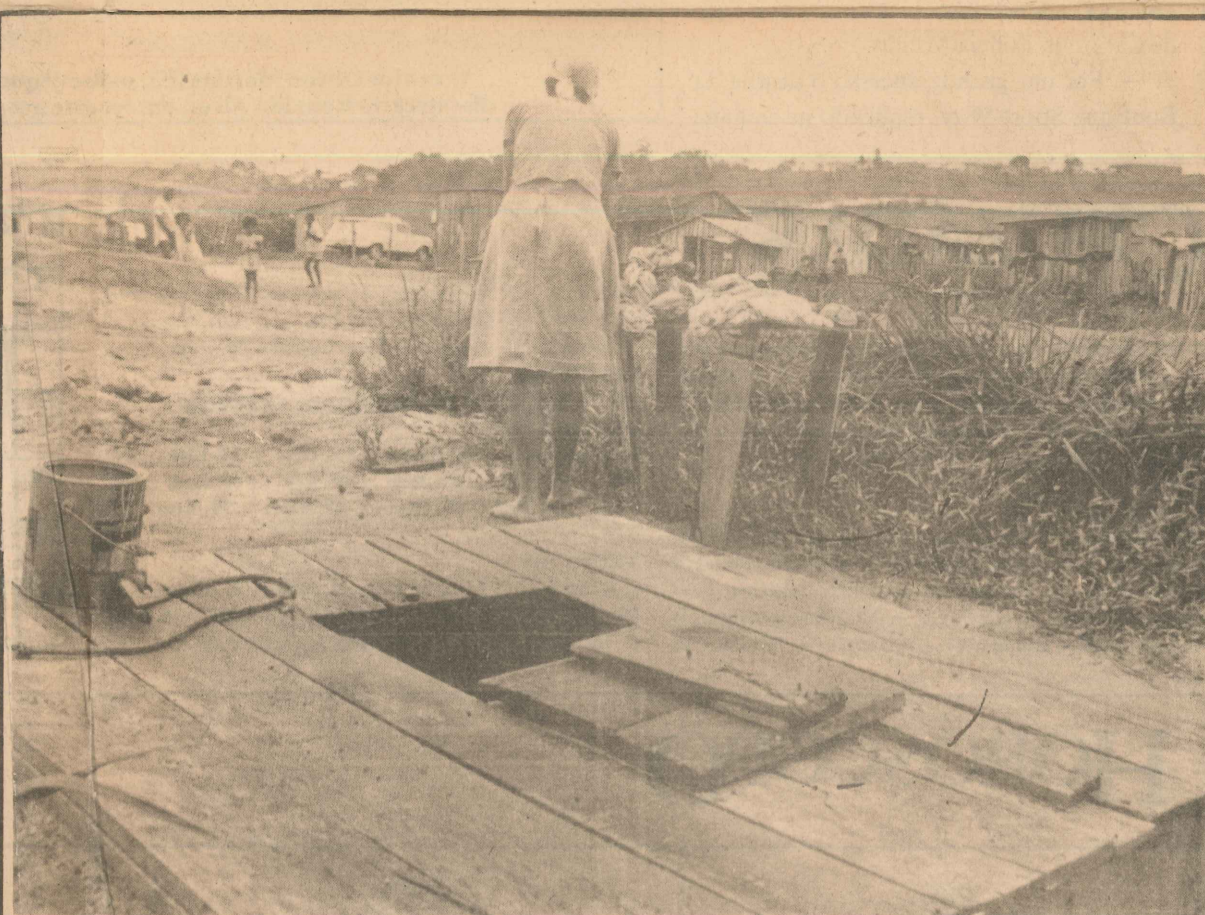
da "casa" própria nunca existiu. Os barracos, chamados por eles de "caxixós", têm, no máximo, 20 metros quadrados. Luz, só a do Sol. Água, há em fartura: dos quatro poços existentes e de uma "mina".

Com dentes podres e pés no chão, os moradores são iguais em sua miséria. As mulheres não trabalham e os homens mantêm suas famílias, todas com uma média de sete pessoas, com rendimentos que variam de uma dois salários mínimos.

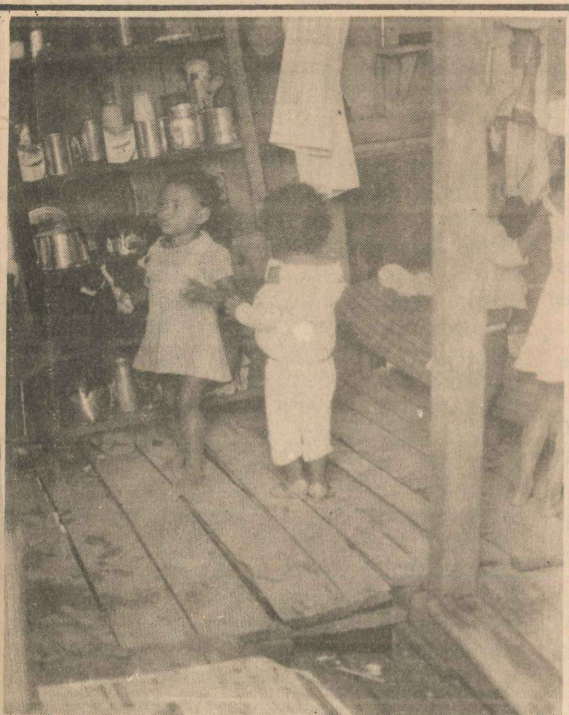




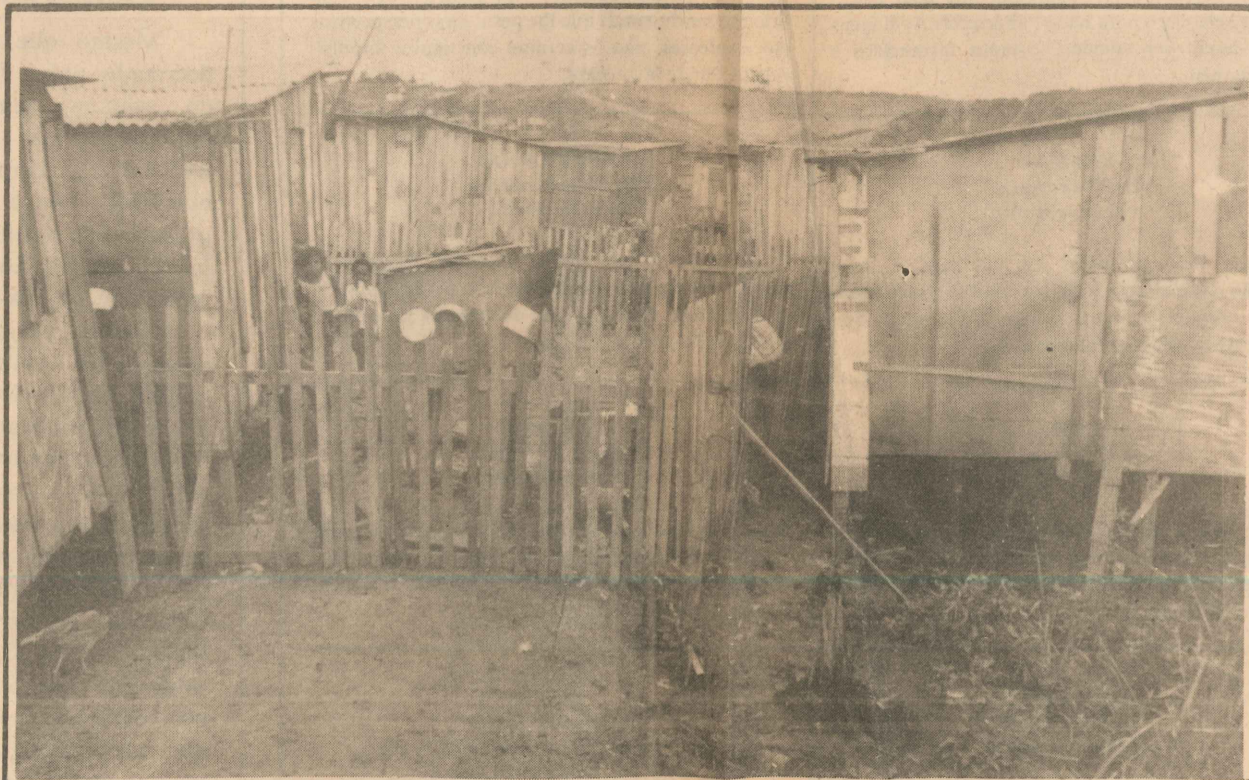
**"A-ti-rei-o-pau-no-ga-to-mas-o-...". De pés nos chão, as crianças brincam, numa alegria totalmente oposta às manchas de verme no rosto e ao vazio do estômago**



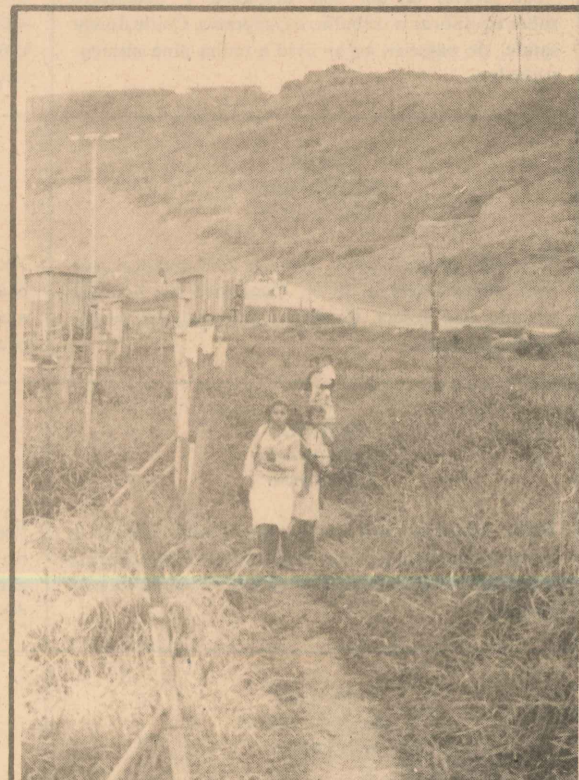
**A água dos quatro poços de Sosseguinho, todos com dois metros de profundidade, serve desde a lavagem de roupa à preparação de alimentos**



**Casa de Aldo, o morador mais antigo: uma cama, dois filhos e a telma de que em barraco existem quatro cômodos, divididos imaginariamente por ele, apesar da falta de divisórias, e de móveis, e de camas, e de alimentos, e de condições de vida.**



**Sosseguinho: barracos iguais, com muitas frestas e banheiros a 10 metros de distância**



**O caminho entre o matagal, os barracos sobre o mangue e os moradores ameaçados pelas torres de alta tensão da Escelsa**